



Na
Toca
Do
Coelho

MARA LÚCIA BARBALHO DA CRUZ
CONSELHEIRA PRESIDENTE

LUIS DANIEL LAVAREDA REIS JÚNIOR
CONSELHEIRO OUVIDOR

ELABORAÇÃO
MANOELLA NEGRÃO
COORDENADORA OUVIDORIA TCM-PA

EQUIPE DE APOIO
ROSANA MALCHER
PEDRO VITOR FERNANDES
KALEBE SILVA

APOIO
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
DIAGRAMAÇÃO

Introdução

"Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer (...) quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela. Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: 'Ai, ai! Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!' (quando pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada.

Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda a pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca. No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois."

Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll

As aventuras de Alice começam assim – quando ela despencou toca de coelho abaixo para um mundo desconhecido, com flores falantes, um chapeleiro maluco e uma rainha de copas que adorava “cortar cabeças”. O País das Maravilhas, por vezes mágico, por vezes assustador, confunde a pobre garota que, nem bem tinha chegado, já se preocupava em como sairia.

Ao andar pela floresta, a menina encontrou um gato sorridente, com garras muito longas e um número enorme de dentes e perguntou-lhe, respeitosamente, como poderia sair dali.

"Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?"

"Depende bastante de para onde quer ir", respondeu o Gato.

"Não me importa muito para onde", disse Alice.

"Então não importa que caminho tome", disse o Gato.

"Contanto que eu chegue a algum lugar", Alice acrescentou à guisa de explicação.

"Oh, isso você certamente vai conseguir", afirmou o Gato, "desde que ande o bastante."

Ora, a mesma coisa aconteceria se um turista de outro estado visitasse Belém pela primeira vez. Educados, perguntamos qual atração ele gostaria de conhecer primeiro. Vamos imaginar que ele tenha respondido “qualquer uma”, pois bem, se eu o levar para conhecer a faixa de pedestres perto da minha casa e rir desesperadamente (minha amiga uma vez caiu e rolou enquanto atravessávamos o sinal – foi hilário), ele não poderá reclamar. Eu o levei a algum lugar, não foi? Afinal, ele não sabia onde queria ir.

Se não soubermos onde queremos chegar, não importará o caminho tomado, pois todo o caminho leva a algum lugar (não necessariamente aquele que desejávamos). A pergunta que devemos fazer é se ao encontrarmos algum lugar, este será o suficiente. Provavelmente não! Como não houve planejamento, pensamento crítico ou algum tipo de estudo – corremos o risco de chegar a um lugar estranho, aleatório e talvez até assustador.



Imaginar o Brasil, nosso estado ou mesmo nossa cidade no futuro é um exercício bem parecido. Certamente, o país terá algum tipo de futuro, mas será o melhor futuro que poderia ter? Possivelmente não. Assim, para conseguirmos avançar temos que saber onde queremos chegar. Só desse jeito poderemos escolher como vamos chegar lá (qual caminho vamos percorrer).

Ao falar sobre cidadania, não adianta apenas explicar seu conceito. Afinal, as perguntas "Para quê falar em cidadania?", "Por que ela é importante?", "O que mudará se ela for exercida plenamente?" só fazem sentido se eu pensar sobre qual futuro eu desejo para o meu país (o onde). Depois, posso começar a pensar em como exercer a cidadania a fim de construir o futuro desejado.

Nossos encontros vão lhe ajudar a pensar sobre todos esses assuntos. A cidadania é essencial em nossa vida – mas poucos a conhecem verdadeiramente. Somos como Alice – temos uma vaga ideia do que é cidadania e talvez até imaginamos o futuro que gostaríamos, mas dificilmente sabemos os caminhos disponíveis para tentar chegar até lá.

Vamos conversar sobre o conceito da cidadania, sua construção histórica, a Constituição brasileira e os princípios e instrumentos cidadãos nela contidos, o papel do TCM nessa construção de uma sociedade cidadã e o seu também!

Alice, corajosa, entrou na toca do coelho. Queremos incentivá-los a ser como ela – ter a bravura em se enfiar na toca do coelho e encontrar novas histórias ou, em outras palavras, a se abrir para pensar sobre a cidadania. Nem sempre é fácil. As vezes podemos encontrar temas difíceis ou assustadores. Mas, discutir sobre o assunto é essencial para entender onde queremos chegar e planejar como podemos utilizar os instrumentos de cidadania para chegar lá!

Aperte os cintos e vamos começar a aventura ou Te vejo lá embaixo na toca do coelho!

Relembrando conceitos Ou os primeiros passos na toca do coelho

Os nossos encontros terão como pano de fundo para a discussão sobre a cidadania vários tipos de textos: letras de música, obras de arte, transcrição de discursos, fotografias, etc. Para que seja possível a compreensão verdadeira dos conceitos a serem apresentados, assim como uma melhor participação sua em nossos encontros, é necessário que relembramos alguns conceitos provavelmente já estudados por você na escola.

Antes de que você faça cara feia, pense que a leitura desta apostila – no mínimo – também servirá como uma breve revisão de Português (mas não de regras gramaticais, eu prometo!).

Já que estamos na toca do coelho, vamos dar nossos primeiros passos observando as ferramentas que já possuímos para começar nossa jornada!



A língua unidade viva



Características da Língua

DINAMISMO: PRATICIDADE E VARIABILIDADE

A língua não é homogênea, devendo ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem – a diversidade e a possibilidade de mudanças.

Isto é muito claro, quando comparamos o português falado no Brasil e aquele de Portugal. A nossa "língua brasileira" provém da língua portuguesa (Portugal), que por sua vez provém do latim. Os colonizadores portugueses trouxeram para o Brasil a cultura e a Língua Portuguesa, que foi enriquecida com vocábulos e locuções novas; adquirimos outra pronúncia. Além de recebermos influência das línguas indígenas e africanas, e de imigrantes das terras do oriente e de outros países europeus.

Aqui, apesar de não ser este o objeto de nossa presente discussão é importante fazer uma observação: a língua também pode ser usada como forma de dominação.

Veja que na época em que o Brasil ainda era uma Colônia, surgiu aqui o Nheengatu (tupi para "língua boa") ou o "tupi moderno". Essa língua, mistura entre o tupi antigo e o português, foi a língua mais falada na Amazônia durante dois séculos (!) e era frequentemente usada para a comunicação entre colonizadores (portugueses), índios e escravos.

Entretanto, Portugal proibiu o uso da língua, a fim de melhor controlar o pensamento dos colonizados e estabelecer seu poderio político entre aqueles. Vamos pensar juntos: proibindo uma língua sobre a qual não tinha "controle", ficava mais fácil para Portugal monitorar o que as pessoas escreviam e pensavam!

Se você quiser ouvir como o Nheengatu soa, veja esse

Sabendo então que a língua é dinâmica e sofre alterações, vemos que na verdade não existe apenas uma língua portuguesa, mas sim várias "línguas portuguesas". O português falado no interior do nordeste é o mesmo português de São Paulo? O português que os Conselheiros do TCM-PA falam durante a sessão plenária é o mesmo que você fala com seus amigos enquanto passeiam no shopping?

Com a noção de que na verdade, a língua é diferente dependendo de quem fala, podemos afirmar que as influências sociais, culturais, ambientais, climáticas determinam a língua.

Portanto, existem níveis de linguagem – o vocabulário, a pronúncia e a sintaxe variam segundo esses níveis.

LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

A palavra língua não deve ser confundida com sua modalidade falada! Na verdade, uma língua possui dois meios de comunicação: a modalidade escrita e a falada. A língua falada é espontânea, além de ser acompanhada pelo tom de voz e, algumas vezes, por gestos ou expressões faciais. Já a língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido, pois não conta com as mímicas e o tom de voz do falante.

Os estudiosos da língua afirmam que no interior de toda língua falada existe uma língua comum – um conjunto de palavras e expressões, mais usuais, entendidas como simples e correta (aquela que todos nós conhecemos) – se uma pessoa do Acre e outra de Santa Catarina conversarem, a comunicação ocorrerá justamente porque ambas reconhecem o código: a parte comum da língua falada.

Fora deste núcleo comum, a língua varia em sua elaboração – o regionalismo ("famoso sotaque"), a linguagem cuidadosa, a familiar e a informal ("popular").

ARBITRARIEDADE - CONVENÇÃO

Outra característica da língua é a sua arbitrariedade (convenção). Basicamente existem regras na língua que tem uma razão específica para existir – foram moldadas pelo tempo ou foram influenciadas por outras línguas. Por exemplo, as palavras "clube", "xampu", "estresse", "futebol", "gol" e "short" foram adaptadas da língua inglesa, segundo as relações travadas entre brasileiros e ingleses e por isso se escrevem desse modo. Porém, existem outras regras que não têm uma razão assim tão óbvia. Você já parou para pensar sobre o português – "Por que isso se escreve assim?" e a resposta é "Porque sim!?" É mais ou menos por aí. Há situações na língua em que, por exemplo, existiriam várias possibilidades para escrever uma palavra, ou seja, não importa como eu escrevesse, elas teriam o mesmo som. Assim, xícara ou chicara têm o mesmo som, porém o certo é xícara, já que essa forma é a considerada correta pelo sistema ortográfico do idioma. A ortografia é, portanto, uma lei, que aponta qual a opção correta dentre as muitas possíveis, surgindo de um "congelamento" da grafia das palavras, criando "uma palavra de forma fixa", independentemente de como o escritor fala ou o leitor diz o que lê.

Essas regras são criadas pelos estudiosos da língua e a nós só nos resta aceitar – são, portanto, uma convenção.

LOGICIDADE

A língua tem uma lógica, tornando possível o reconhecimento de erros naquele uso específico. Por exemplo, ao acrescentarmos a letra "s" ao final de alguns substantivos, a lógica da língua afirma que estou me referindo a mais de uma coisa.

A menina foi ao baile. (Só uma menina foi ao baile.)

As meninas foram ao baile. (Mais de uma menina foi ao baile.)

Parando para pensar é um pouco impressionante – eu acrescentei mais uma letra e todo o sentido mudou! Essa lógica de que a letra "s" significa o plural foi construída na língua durante muito tempo.

Agora, é importante ter em mente, que a língua não tem apenas uma lógica e sim várias! Dessa maneira, mesmo se alguém utilizar a língua erroneamente (e veremos que só posso afirmar que a pessoa errou ao utilizar a língua quando me refiro a norma padrão), ainda haverá uma lógica na mesma.

As menina foi ao baile.

Mesmo que em desacordo com a norma padrão da língua, existe uma lógica de pluralidade. Ou seja, mesmo que o correto para a norma formal da língua fosse: "As meninas foram..." ainda é possível entender que se trata de mais de uma menina.

Veja como há lógica, imagine que eu dissesse: "A menina foram ao baile". Esa frase não segue a lógica até agora apresentada (inserção da letra "s" para criar o sentido de plural), assim ela não está correta, mesmo segundo a lógica apresentada em "As menina foi ao baile".

REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Existem inúmeros usos da língua inseridos na língua oficial, que representam grupos sociais e suas origens. Como usamos a língua revela nossas experiências, situação social, idade, local de nascimento e muitas outras coisas.

Assim, se estou andando na rua em São Paulo e ouço um estranho comentar para a pessoa ao seu lado, enquanto observam uma vitrine: "Égua! Esta roupa está muito cara! Tu não achas?", imediatamente eu sei que encontrei um conterrâneo.

Ou, ainda, quando ouvimos dois médicos conversando em linguagem técnica (jargão) sobre uma cirurgia que realizaram naquela manhã, a probabilidade de entendermos detalhadamente a que se referem é muito baixa.

É possível afirmar, então – Como você fala representa quem você é!

NORMA E USO

Após nossas conversas sobre a língua como uma unidade viva (haja vista que a mesma se modifica segundo as características do falante) e sobre a existência de convenções na mesma, especialmente sobre a ortografia das palavras, discutiremos um pouco sobre as noções de norma e uso.

NORMA

A norma são as convenções da língua (as "leis"/regras que o falante deve seguir para obedecer a lógica daquela). Em uma língua existem várias normas que convivem umas com as outras, mas a mais importante é a norma padrão.

A norma padrão (ou norma formal) é a forma oficial da língua, defendida por estudiosos, escritores literários e utilizada nos documentos oficiais. Em outras palavras, é aquela que aprendemos na escola e aquela que é utilizada por Machado de Assis em seus livros. Ela atua como o ideal linguístico da comunidade ou como a norma "perfeita", a que todos almejam conseguir falar e escrever.

USO

O uso da língua é a prática diária que fazemos da mesma. O uso da língua muda com rapidez e é variado, pois cada falante tem uma história individual e faz parte de um grupo específico. Assim, Ulysses Guimarães (um dos participantes da Assembleia Constituinte brasileira, que promulgou nossa Constituição de 1988) ao discursar no Congresso Nacional, utilizou-se da norma padrão, mas ao comer pão com ovo em seu café da manhã e conversar com sua esposa e seu neto Tito, de nove anos, ele usava a língua de uma maneira mais informal e diária.

ERRO x ADEQUAÇÃO

Já vimos que existe uma diferença entre norma e uso e dessa diferença decorre as ideias de erro e adequação.

Basicamente:

Só existe o "erro" quando nos referimos a uma norma da língua. Assim, de acordo com a norma padrão da língua a palavra "cachorro" se escreve utilizando "ch" e "rr". Dessa forma, se um falante escrever caxoro, ele cometerá um erro, pois havia uma forma correta e outra errada conforme as regras da norma padrão e ele escolheu a errada.

Já a noção de adequação é diferente, já que não temos a concepção de certo ou errado. Julgamos se a língua está sendo utilizada de maneira adequada ou não a depender da situação. Leia o excerto abaixo para compreender melhor:

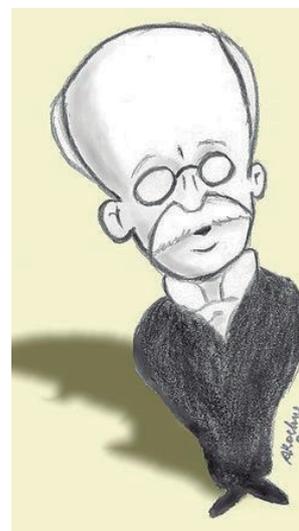
Rui Barbosa, brilhante jurista, político, diplomata, escritor, filósofo, tradutor e orador brasileiro era conhecido por seu conhecimento e cultura ampla. Diz a lenda que Rui Barbosa, ao chegar em casa, ouviu um barulho estranho vindo do seu quintal. Foi averiguar e constatou haver um ladrão tentando levar seus patos de criação. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo e, surpreendendo-o ao tentar pular o muro com seus patos, disse-lhe:

— Oh, bucéfalo anacrônico!!!... Não o interpelo pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes, mas sim pelo ato vil e sorrateiro de profana-res o recôndito da minha habitação, levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa. Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares da minha elevada prosopopeia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica, bem no alto da tua sinagoga, e o farei com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, diz:

— Dotô, resumino... Eu levo ou dêxo os pato???

(Autoria desconhecida)



Ora, Rui Barbosa não utilizou a língua de maneira adequada para a situação. Ao utilizar uma linguagem extremamente formal, não se fez entender. Veja – sua fala não está errada de acordo com a norma padrão da língua brasileira, mas – defini-tivamente – está inadequada.

Nesse mesmo entendimento, é possível fazer outra reflexão – da mesma forma como a fala de Rui Barbosa estava inadequada para a situação em que se encontra, a sua fala também pode estar inadequada em alguns momentos.

No seu trabalho – dentro do TCM-PA, por exemplo – espera-se que você utilize uma linguagem mais "polida", ou seja, de acordo com a norma padrão, sem gírias, abreviações (escreva "você" e não "vc") ou regionalismos. Estamos em um órgão público, que utiliza a linguagem "oficial", ou seja, a norma padrão e todos os que trabalhamos aqui temos que usa-la também para estamos adequados!

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

"Preconceito Linguístico? Tô fora!" (fragmento)

O preconceito linguístico se baseia na crença de que "só existe uma única Língua Portuguesa digna deste nome" e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pelo preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é Português".

Um exemplo. Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é vista como um "defeito de fala", e às vezes até como um sinal do "atraso mental" das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um "defeito de fala", muito menos de um traço de "atraso mental" dos falantes "ignorantes" do Português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria Língua Portuguesa padrão.

As pessoas que dizem Cráudia, praca, chicrete, pobrema, pranta estão apenas dando livre curso a uma tendência fonética muito antiga na Língua Portuguesa. Observe o quadro a seguir. Ele mostra algumas palavras do Português padrão atual e as formas que essas mesmas palavras tinham na língua de origem:

Português Padrão	Origem
Branco	Blank (Germânico)
Escravo	Sclavu (Latim)
Fraco	Flaccu (Latim)

E agora? Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem Cráudia, chicrete e pranta têm algum "defeito de fala", seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo defeito na época em que a Língua Portuguesa estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria desse mesmo mal, já que ele escreveu ingrês, pubricar, pranta, fruta, frecha na obra que é considerada o maior monumento literário do português clássico, o poema Os Lusíadas. E isso, é "craro", seria no mínimo absurdo. No entanto, eu vi, apavorado, um programa de televisão chamado Nossa Língua Portuguesa classificar esse fenômeno de "defeito de fala", sugerindo até uma "te-rapia fonoaudiológica" para "consertá-lo"!

Se dizer Cráudia, praca, pranta é considerado "errado", e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado "certo", isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política — as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia", "pobre", "carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.

Ora, do ponto de vista exclusivamente linguístico, o fenômeno que existe no português não-padrão é o mesmo que aconteceu na história do Português padrão e tem até um nome técnico: rotacismo. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social.

(BAGNO, Marcos. In: PINSKY, Jaime (org.). 12 faces do preconceito. São Paulo: Contexto, 1999.)

Os elementos da comunicação

A comunicação efetiva ou, em outras palavras, o fato de uma pessoa falar/escrever/pintar/desenhar e outra compreender é um dos objetos de estudo da Linguística. Este ramo da ciência estuda como a comunicação ocorre.

Mas, afinal, o que é comunicação?

A palavra comunicação vem do vocábulo em latim "communicare", que significa "partilhar, tornar comum, participar de algo". Como vamos observar no Módulo 01, a capacidade de se comunicar é essencial ao ser humano e fez com que pudéssemos criar redes de cooperações entre completos estranhos.

Segundo uma das teorias mais famosas da linguística, existem seis elementos básicos necessários para uma comunicação efetiva. Assim, para que alguém fale algo e outra pessoa entenda o que foi dito, por exemplo, é preciso que seis itens estejam presentes: emissor, receptor, mensagem, código, canal e o referente.

Parece complicado – mas é bem simples!

Leia, brevemente, a seguinte cena sobre a festa do chá maluca, com Alice, a Lebre de Março, o Chapeleiro Maluco e o Arganaz:

EM FRENTE À CASA HAVIA UMA MESA posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá; entre eles estava sentado um Arganaz, que dormia a sono solto, e os dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ele e conversando por sobre sua cabeça. "Muito desconfortável para o Arganaz", pensou Alice; "só que, como está dormindo, suponho que não se importa."

Era uma mesa grande, mas os três estavam espremidos numa ponta: "Não há lugar! Não há lugar!" gritaram ao ver Alice se aproximando. "Há lugar de sobra!" disse Alice, indignada, e sentou-se numa grande poltrona à cabeceira.

"Tome um pouco de vinho", disse a Lebre de Março num tom animador. Alice correu os olhos pela mesa toda, mas ali não havia nada além de chá.

"Não vejo nenhum vinho", observou.

"Não há nenhum", confirmou a Lebre de Março.

"Então não foi muito polido da sua parte oferecer", irritou-se Alice.

"Não foi muito polido da sua parte sentar-se sem ser convidada", retrucou a Lebre de Março.

"Não sabia que a mesa era sua", declarou Alice; "está posta para muito mais do que três pessoas."

"Seu cabelo está precisando de um corte", disse o Chapeleiro. Fazia algum tempo que olhava para Alice com muita curiosidade, e essas foram suas primeiras palavras.

"Devia aprender a não fazer comentários pessoais", disse Alice com alguma severidade; "é muito indelicado." O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso; mas disse apenas: "Por que um corvo se parece com uma escrivaninha?"

"Oba, vou me divertir um pouco agora!" pensou Alice. "Que bom que tenham começado a propor adivinhações." E acrescentou em voz alta: "Acho que posso matar esta."

"Está sugerindo que pode achar a resposta?" perguntou a Lebre de Março.

"Exatamente isso", declarou Alice.

"Então deveria dizer o que pensa", a Lebre de Março continuou.

"Eu digo", Alice respondeu apressadamente; "pelo menos... pelo menos eu penso o que digo... é a mesma coisa, não?"

"Nem de longe a mesma coisa!" disse o Chapeleiro. "Seria como dizer que 'vejo o que como' é a mesma coisa que 'como o que vejo'!"

"Ou o mesmo que dizer", acrescentou a Lebre de Março, "que 'aprecio o que tenho' é a mesma coisa que 'tenho o que aprecio'!"

"Ou o mesmo que dizer", acrescentou o Arganaz, que parecia estar falando dormindo, "que 'respiro quando durmo' é a mesma coisa que 'durmo quando respiro'!"

"É a mesma coisa no seu caso", disse o Chapeleiro, e neste ponto a conversa arrefeceu, e o grupo ficou sentado em silêncio por um minuto, enquanto Alice refletia sobre tudo de que conseguia se lembrar sobre corvos e escrivaninhas, o que não era muito. (...)

Vejam os elementos da comunicação, utilizando como exemplo a cena lida.

Emissor (locutor ou falante) – É aquele que produz o discurso, ou seja, aquele que transmite a mensagem para um ou mais receptores.

Receptor (interlocutor ou ouvinte) – É aquele que recebe a mensagem do emissor e decodifica o discurso. Em outras palavras, é aquele que ouve/vê/lê a mensagem e a compreende. Por exemplo, quando a Lebre de Março oferece à Alice uma taça de vinho ("Tome um pouco de vinho"), a lebre seria o emissor e Alice seria a receptora, pois é quem ouve a mensagem. Ao analisar mais profundamente, podemos observar uma situação mais interessante: considerando o livro da Alice, o emissor seria Lewis Carroll (o autor da história) e você e eu – que lemos o livro – somos os receptores!

Mensagem – É o conteúdo do diálogo ou texto – o próprio texto (verbal ou não-verbal) enviado entre o emissor e receptor, o conjunto de informações transmitidas pelo emissor. Na mesma cena, portanto, a mensagem seria justamente - "Tome um pouco de vinho". Em nossa análise mais profunda, a mensagem é todo o excerto do livro apresentado acima.

Código - É o conjunto de sinais escolhidos pelo emissor que são usados no processo comunicativo para a transmissão da mensagem. Ele pode ser verbal ou não-verbal, uma figura, um texto, a fala, um gesto, etc.

Assim, quando falamos ou escrevemos usamos o código verbal e quando usamos a arte, a criatividade e a imaginação, é comum a utilização do código não-verbal (pinturas, desenhos, gravuras).

Em nosso exemplo, o código utilizado é a língua portuguesa. Ele é o mesmo em nossas análises – veja, o caxinguelê utiliza a língua portuguesa para falar com Alice e o autor utiliza a língua portuguesa para escrever o livro!

Um outro ponto interessante, é que o código tem que ser pré-definido pelo emissor e o receptor, em outras palavras, ambos tem que conhecê-lo, senão a comunicação não ocorrerá.

Veja, se a Lebre de Março perguntasse à Alice, em chinês: "你想喝酒吗?" (Você gostaria de tomar vinho?), a pobre menina não entenderia nada, afinal ela é inglesa e fala inglês (ou português de acordo com nosso livro, que está traduzido)!

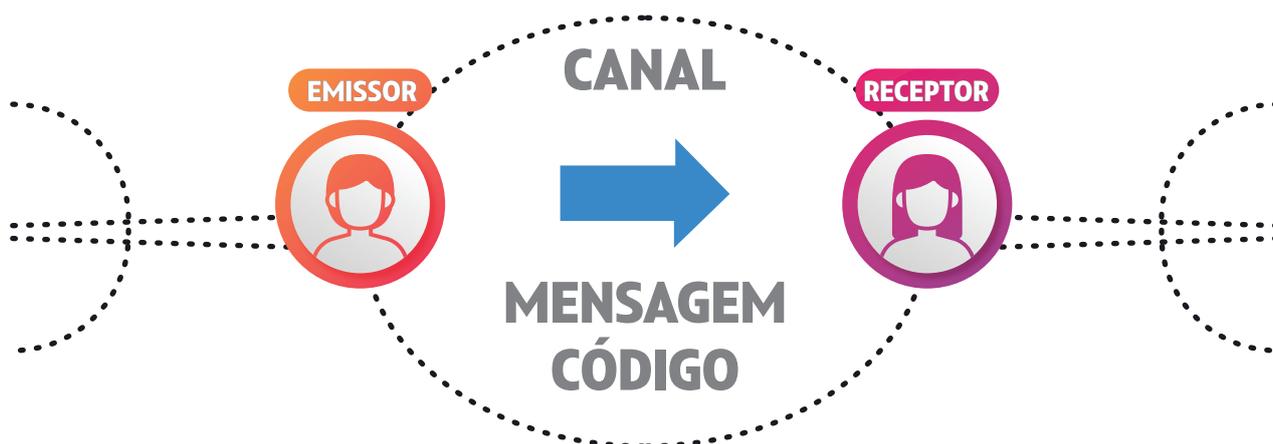
Logo, a comunicação efetiva não se realiza se o receptor ou o emissor não conhecerem o código utilizado!

Canal é o local responsável por veicular a mensagem. Pode ser, por exemplo, uma revista, um livro, um jornal, um telefone ou até o ar (quando falamos e outra pessoa escuta!)

Finalmente, o **Referente** é o assunto tratado no conteúdo da mensagem.

Em nossa cena, o referente seria então a oferta de vinho da Lebre de Março para Alice, enquanto a mensagem seria a frase: "Tome um pouco de vinho".

O esquema abaixo demonstra o assunto explicado:



Tipos de Linguagem

Nos comunicamos por meio da linguagem, não é? A linguagem se compõe em elementos verbais e não verbais!

A linguagem **verbal** é o uso da palavra na comunicação, seja na oralidade ou na escrita. Assim, ao ouvirmos uma música, falarmos com alguém ao telefone e lermos um livro, por exemplo, utilizamos a linguagem verbal!

Ao ler a cena de Alice na festa do chá maluca, você utilizou-se da linguagem verbal, pois o texto era composto de palavras! O mesmo tipo de linguagem foi utilizado enquanto Alice conversava com o Chapeleiro, a Lebre de Março e o Arganz.

A linguagem **não verbal** é o não uso da palavra na comunicação. Nesse caso, o código a ser utilizado é através da simbologia. A linguagem não verbal é constituída por gestos, tom de voz, entre outras coisas. Portanto, é possível notar que a ausência de palavras não significa a ausência de texto. Dessa maneira, se queremos atravessar a rua, olhamos o semáforo: se a luz vermelha pisca para os carros, sabemos que nós – como pedestres – podemos atravessar a faixa.

Veja, toda a comunicação ocorreu pelo uso de uma cor!

Em nosso dia a dia, a comunicação entre pessoas quase sempre se estabelece através de gestos e palavras, havendo, portanto, a junção das duas formas de linguagem. Essa junção é definida como linguagem mista.

Uma revista em quadrinhos, assim, utiliza-se da linguagem mista, pois utiliza palavras e imagens para efetivar a comunicação.

A intencionalidade do texto

Sobre as intencionalidades dos textos, você deve ter sempre em mente a seguinte afirmação: "O texto sempre é feito com alguma intenção". Assim, não importa se escrevemos um poema, uma notícia de jornal ou um livro de contos de fada, ou ainda se pintamos um quadro e tiramos uma fotografia – temos um objetivo com o texto produzido.

De acordo com nossa intenção, a escolha das palavras, das expressões e da ordem da frase em um texto verbal variam – ocorrendo o mesmo em uma pintura, por exemplo, na qual as cores utilizadas, o posicionamento das pessoas representadas, tudo busca convencer ou dar a conhecer ao leitor de um fato.

Esse objetivo pode variar e ocorre até mesmo em textos informativos (que deveriam ser imparciais), como notícias de jornais.

Imagine que dois grandes jornais comunicaram os mesmos fatos à sociedade:



Observe – os fatos relatados em ambos os textos são os mesmos: a descoberta de nova forma de plantar feijão depois de anos de pesquisa.

Porém, ao ler o texto o primeiro texto, é fácil percebemos o entusiasmo por parte do autor, a intenção dele ao escrever o texto é nos convencer sobre a importância da nova maneira de plantar feijão. Já o segundo texto possui uma intenção bem diferente: agora você responde – a intenção do autor era a de que nos sentíssemos empolgados com a descoberta ou que achássemos que era uma perda de tempo?

INTERTEXTUALIDADE

Intertextualidade é o nome dado à relação que é feita quando em um texto é citado outro texto que já existe. Dessa forma, a intertextualidade acontecerá quando um determinado texto fazer referência a outro, ou a situação e/ou acontecimento pré-existente.

Esse fenômeno se trata do "diálogo" de um texto com um ou mais textos, que podem ser verbais, não-verbais ou mistos. Isto quer dizer que, a intertextualidade não precisa ser necessariamente em gêneros iguais (ou seja, pode haver intertextualidade entre um quadro e um livro).

Essa intertextualidade pode ser indicada explicitamente no texto ou pode vir "disfarçada" pela linguagem do autor.

Na **intertextualidade explícita**, a referência a outros textos ou acontecimentos pré-existentes é clara e fácil de ser identificada pelo leitor, sem esforço ou dedução do mesmo, não exigindo conhecimento prévio do conteúdo, já que é estabelecida uma relação direta com o texto original.

Ora, nessa apostila mesmo existe uma intertextualidade explícita: eu citei para você alguns excertos do livro "Alice no País das Maravilhas". Note que mesmo que você não conhecesse o livro, seria plenamente capaz de entender o texto desta apostila. Da mesma forma, não foi preciso grandes análises para que você entendesse que não fui eu quem escreveu aquelas citações!

Na **intertextualidade implícita**, a referência a outros textos ou acontecimentos pré-existentes é difícil de ser identificada pelo leitor, sendo necessário dedução, análise e atenção do mesmo, pois estabelece uma relação indireta com o texto base, não sendo fácil encontrar elementos do texto fonte e exigindo conhecimento prévio do leitor sobre o conteúdo.

Veja, no texto do livro citado nesta apostila, na cena "Alice na festa do chá maluca", temos um personagem que pode ter lhe causado estranheza: o Arganaz. Esse animalzinho se parece com um esquilo. De fato, os arganazes são conhecidos por seus hábitos de sono. Ao chegar o tempo frio, armazenam no ninho quantidades de comida e hibernam.

DE repente, ficou bem mais claro porque o arganaz no livro está dormindo! O autor usou uma intertextualidade, brincando com a figura real do animal, que é conhecido por dormir muito. Entretanto, perceba que não é tão simples reconhecer a referência e por isso dizemos que ela é implícita.

O fator mais importante para reconhecer as intertextualidades é o seu "conhecimento de mundo!". Ou seja, quantos mais fatos sobre o mundo de forma geral soubermos, mais fácil será encontrar estas referências nos textos e entender, por vezes, a verdadeira intenção do autor.

Funções da Linguagem

As funções da linguagem são formas de utilização da linguagem segundo a intenção do falante. Cada função desempenha um papel relacionado com os elementos presentes na comunicação: emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente.

Importante ainda afirmar que, embora haja uma função que predomine, vários tipos de funções da linguagem podem estar presentes em um mesmo texto.

FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA

A função emotiva ou expressiva é centrada na instância do emissor, tendo como objetivo transmitir suas emoções e subjetividade, ou seja, sua opinião.

"Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante. Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno, que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos, a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces. Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado." (Visconde de Taunay, em Inocência)

FUNÇÃO APELATIVA OU CONATIVA

A função apelativa ou conativa é centrada na instância do receptor (aquele que recebe a mensagem). Sua intenção é convencer o leitor. Por isso, é muito utilizada nas propagandas, publicidades e discursos políticos, de modo a influenciar o receptor por meio da mensagem transmitida.

"Seja doadora de leite materno e faça a diferença na vida de muitas crianças." (Campanha do Ministério da Saúde para a doação de leite materno).

FUNÇÃO REFERENCIAL

A função referencial é centrada na instância do Referente (informação) e sua intenção é informar algo da maneira mais precisa e exata possível. É típica de textos jornalísticos e científicos.

"A manhã desta sexta-feira (06) foi marcada pela homenagem aos pais membros, servidores, terceirizados e estagiários do Tribunal de Contas dos Municípios do Pará (TCMPA), em alusão ao Dia dos Pais. O tema da campanha foi relacionado a futebol com o slogan 'Pai TCMPA é show de bola'.

Na ocasião, foram colocados totens com os uniformes dos clubes paraenses, para que as pessoas pudessem fazer fotos com seu time, remetendo aos jogadores profissionais. Os totens estiveram ambientados em um cenário de campo de futebol, com direito a trave e bandeiras dos três maiores times do Pará: Remo, Paysandu e Tuna Luso. Além disso, também está em exibição nas televisões dispostas na sede um vídeo com fotos dos homenageados, que ficará em veiculação até a próxima sexta-feira (13). Ainda houve sorteio de brindes, com bolas de futebol e vouchers para a compra de camisas esportivas." (Notícia veicula no site institucional do TCM-PA) link: <https://www.tcm.pa.gov.br/noticias/tcmpa-homenageia-os-pais-membros-servidores-terceirizados-e-estagiarios/>

FUNÇÃO FÁTICA

A função fática é centrada na instância do canal (elemento que garante que a comunicação parta do emissor e chegue ao receptor), tem como objetivo estabelecer ou interromper a comunicação de modo que o mais importante é a relação entre o emissor e o receptor da mensagem.

Um telefone toca num fim de tarde, começo de noite ...

* Alô?

* Pronto.

Ele: - Voz estranha... Gripada?

Ela: - Faringite.

Ele: - Deve ser o sereno. No mínimo tá saindo todas as noites pra badalar.

Ela: - E se estivesse? Algum problema?

Ele: - Não, imagina! Agora, você é uma mulher livre.

Ela: - E você? Sua voz também está diferente. Faringite?

Ele: - Constipado.

Ela: - Constipado? Você nunca usou esta palavra na vida.

Ele: - A gente aprende.

Ela: - Tá vendo? A separação serviu para alguma coisa.

Ele: - Viver sozinho é bom. A gente cresce.

Ela: - Você sempre viveu sozinho. Até quando casado só fez o que quis.

Ele: - Maldade sua, pois deixei de lado várias coisas quando a gente se casou.

Ela: - Evidente! Só faltava você continuar rebolando nas discotecas com as ami-gas.

Ele: - Já você não abriu mão de nada. Não deixou de ver novela, passear no shopping, comprar joias, conversar ao telefone com as amigas durante horas.

(...)

(Luís Fernando Veríssimo, "Um telefone toca num fim de tarde,...")

FUNÇÃO METALINGÜÍSTICA

A função metalingüística é centrada na instância do código (sistema de signos usado para construir a mensagem), assim ela utiliza o código para explicar o próprio código. É possível vê-la em vídeos que tenham como tema filmes, uma música ou um poema que fale sobre música ou poema, respectivamente, assim como em gramáticas e dicionários.

"Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco."

(Machado de Assis, Memória Póstumas de Brás Cubas)

Observe que no exemplo acima, temos um livro em que o autor, nas suas primeiras frases, refletirá sobre como – efetivamente – vai escrever aquele próprio livro.

FUNÇÃO POÉTICA

A função poética é centrada na instância da Mensagem (organização do discurso), dessa maneira o emissor preocupa-se de que maneira a mensagem será transmitida. É a grande marca das obras literárias que possui como característica a utilização do sentido conotativo das palavras.

"de sol a sol
soldado
de sal a sal
salgado
de sova a sova
sovado
de suco a suco
sugado
de sono a sono
sonado
sangrado
de sangue a sangue"
(Haroldo de Campos)

Figuras de Linguagem

DENOTAÇÃO X CONOTAÇÃO

Estes conceitos se relacionam ao uso dado as palavras pelo emissor. A denotação (uso denotativo) indica o sentido literal das palavras, enquanto que a conotação (uso conotativo), utilizada para aumentar a expressividade e realçar a ideia do texto, expressa o uso simbólico (ou figurado) das palavras.

Assim:

"Eu vi um gato.", no sentido denotativo, significa que o emissor – ao andar pela rua hoje de manhã, viu um lindo bichano preto e branco.

Entretanto, quando o emissor, ao conversar com suas amigas, após uma balada, exclama feliz e envergonhada: "Eu vi um gato!", ela definitivamente não quer dizer que viu um felino malhado miando no chão do clube enquanto as pessoas dançavam funk.

FIGURAS DE LINGAGEM

A figura de linguagem é uma forma de expressão que se distancia das regras da linguagem denotativa. Assim, ao empregar uma figura de linguagem, o emissor possibilita uma interpretação para a mensagem que extrapola o sentido original, este associado a uma leitura literal dos fatos, isto é, não interpretativa.

COMPARAÇÃO

Estabelece uma comparação entre os dois elementos por meio de uma qualidade comum, mantendo a essência dos dois, ligados por um conectivo: como, assim como, quanto, tal qual ou verbos parecer, assemelhar-se, entre outros.

"Aquele menino é forte como um touro." (O menino ainda é menino e o touro ainda é touro, só comparamos a força do menino com a força do touro).

METÁFORA

É uma comparação implícita, em que acontece a junção dos dois elementos comparados, com a ideia de que "um é o outro". Amplia a comparação, pois a imagem fica a cargo da interpretação, aumenta as possibilidades dos sentidos.

"Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle." (Rubem Alves, no livro Sete vezes Rubem)

O autor utiliza duas metáforas para explicar sobre as diferentes escolas e como elas lidam com a missão de incentivar o conhecimento de seus alunos.

PERSONIFICAÇÃO (OU PROSOPOPEIA)

Consiste na atribuição de uma qualidade típica de seres animados – como fala, movimento, raciocínio – a seres não humanos ou a objetos. Logo, é uma metáfora específica comparando seres não humanos ou objetos com os seres humanos.

"As casas espiam os homens / Que correm atrás das mulheres"
(Poema de Sete Faces – Carlos Drummond de Andrade)

No exemplo, a personificação ocorre no ato de dar ação à casa, que teria a qualidade de espiar os homens.

HIPÉRBOLE

É o emprego de uma forma exagerada para dar mais expressividade à mensagem, na citação a seguir, observe o exagero das ideias utilizadas pelo autor para que o leitor entenda que, de fato, estava bem frio naquele inverno.

"Bem, agora um inverno estava tão frio que todos os gansos voaram para trás e todos os peixes foram para o sul e até a neve ficou azul. Tarde da noite, ficou tão gélido que todas as palavras faladas congelaram antes de serem ouvidas. Pessoas teve que esperar até o nascer do sol para descobrir sobre o que as pessoas estavam falando na noite anterior" (Schlosser)

EUFEMISMO

É a suavização de uma ideia para evitar o impacto de uma mensagem negativa ou ofensiva.

Na série de comédia "Monthy Python's Flying Circus" exibida pelo canal BBC de 1969-1974, há um famoso diálogo repleto de eufemismos sobre a morte. Um cli-ente insatisfeito retorna a uma loja de animais para reclamar que o papagaio que acabará de comprar morrerá. Apesar de todas as evidências, o vendedor não admite a morte do animal, insistindo que a falta de reação do bicho se deve às saudades que ele sente da floresta.

O dono do papagaio, então, busca deixar claro que o bicho morreu. Observe no trecho abaixo quantos eufemismos são empregados no lugar da palavra "morte".

"Ele não está com saudades! Ele seguiu em frente! Este papagaio foi para o céu! Deixou a sua existência! Soltou um último suspiro e foi ter com os anjinhos! Es-ticou o pernil! Roubado de vida, descansa agora em paz. Se o senhor não o prendesse ao poleiro, ele agora estaria a bater as patinhas! Os seus processos metabólicos passaram à história. Partiu para o seu voo eterno! Vai conviver com as mi-nhocas! Ele livrou-se do seu corpo mortal, acabou o último ato, e agora é uma estrelinha lá no céu! Este papagaio já era!"

GRADAÇÃO

É uma sequência de ideias, apresentadas em ordem crescente ou decrescente. Acontece normalmente com verbos ou adjetivos, podendo também ser um parágrafo inteiro com várias orações na ordem citada.

"Oh, não aguardes que a madura idade/Te converta essa flor, essa beleza/ Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada." (**Gregório de Matos**)

Gregório de Matos, poeta brasileiro do período barroco (1636-1696), escreveu este poema para sua namorada bem mais jovem. Sua intenção era avisar a moça que o tempo a envelhecerá e a mesma perderá várias oportunidades.

Observe a gradação utilizada para referir-se a beleza da moça no decorrer do tempo: Flor – terra – cinza – pó – sombra – nada.

METONÍMIA

Essa figura de linguagem baseia-se na substituição de um termo por outro, quando existe proximidade semântica entre eles, ou seja, ambos os termos possuem algum tipo de relação de sentido. Essa substituição pode ser:

Substituição da obra pelo autor: "Ver um Portinari" em vez de "ver um quadro de Portinari"

Substituição do conteúdo pelo continente: "tomar um copo d'água" em vez de "tomar a água que está no copo"

Substituição da parte pelo todo (Sinédoque): "O bonde passa cheio de pernas" em vez de "o bonde passa cheio de pessoas"

Substituição da causa pelo efeito: "vivo do suor do meu rosto" em vez de "vivo do meu trabalho"

PARADOXO

Ideia da contradição entre as imagens associadas (não necessariamente de termos opostos). Veja no famoso soneto de Luís de Camões (1524-1580) os paradoxos que para o autor definem o sentimento "amor", que seria "contrário em si mes-mo".

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luís de Camões)



IRONIA

Ocorre quando se diz o contrário do que se quer dar a entender, ou quando se produz um efeito de sentido diverso do que foi empregado na formulação denotativa. Muito usado no uso diário da língua e, também, em grandes textos literários.

"A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar crianças." (Monteiro Lobato)

Ora, ao ler o excerto: apesar do autor afirmar que Dona Inácia era excelente, percebe-se sua intenção irônica quando nos conta que ela judiava de crianças. Para aqueles confusos, judiar tem o mesmo significado que maltratar nesse contexto.

PARONOMÁSIA

É o que conhecemos cotidianamente como trocadilho ou jogo de palavras.

"O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." (Mia Couto)

No excerto, o vocábulo "casa" possui dois sentidos – habitação e valores. Assim, diz o avô ao seu neto que deixará sua cidade natal no livro de Mia Couto, que o importante não é onde ele morará, mas sim os valores que aprendeu em seu lar (com a sua família).

SINESTESIA

É uma espécie de metáfora que consiste em comparações considerando os cinco sentidos (audição, visão, olfato, tato e paladar), como ocorre em "cheiro de café quente", "luz perfumada das manhãs", "sons noturnos e cinzentos, cheiro macio".

"Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas". **(Cecília Meireles)**

Não é possível sentir as luzes acesas, mas apenas vê-las.

Indicações

Vídeos

Nheengatu: o tupi moderno, Canal USP, Youtube
(<https://www.youtube.com/watch?v=L73GUWZS8NM>)

Para ouvir o dheengatu: Hino Nacional Dheengatu rupi, Youtube
(link: <https://www.youtube.com/watch?v=9C6k0perz4l>)

Curso de Dheengatu ou Tupi Moderno – Aula 01, Canal Professor Eduardo Navarro, Youtube
(link: <https://www.youtube.com/watch?v=7OQuMDE7gr0>)

Artigos

Por que não gostamos de chamar morte à morte?, jornal "O Observador"
(link: <https://observador.pt/2016/06/12/porque-e-que-nao-gostamos-de-chamar-morte-a-morte/>).

Websites

Figuras de Linguagem, website Toda a Matéria.
(link: <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>)

Funções da Linguagem, website Toda a Matéria.
(link: <https://www.todamateria.com.br/funcoes-da-linguagem/>)

Exercícios

Exercícios de Interpretação de texto, Toda a Matéria.
(link: <https://www.todamateria.com.br/exercicios-de-interpretacao-de-texto/>)

Exercícios de Função da linguagem, Brasil Escola.
(link: <https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-gramatica/exercicios-sobre-linguagem-suas-funcoes.htm>)

Exercícios de Figuras de Linguagem, Mundo Educação.
(link: <https://exercicios.mundoeducacao.uol.com.br/exercicios-gramatica/exercicios-sobre-figura-linguagem.htm>)

Atividades

As atividades abaixo são uma forma de verificar se você conseguiu compreender os assuntos revisados nesta apostila e se consegue aplicá-los. Quando sua equipe tiver realizado as atividades, entregue as respostas em uma folha de papel identificada com o nome de sua equipe para a distribuição dos pontos.

Como o tema da apostila é a revisão de alguns conceitos, não existe prazo certo para entrega. Porém, a equipe deve enviar as respostas antes de dezembro.

Veja as informações sobre a contagem dos pontos abaixo:

- A. Equipe realizou a atividade e entregou as respostas – **1 ponto.**
- B. Equipe acertou mais de 50% da atividade (mais de 05 questões) – **1 ponto.**
- C. Equipe que acertar 100% da atividade (as 10 questões) – **2 pontos.**

Se mais de uma equipe acertar todas as questões, ambas ganharão os **2 pontos.**

QUESTÕES

1. Em seu trabalho, para que sua linguagem esteja adequada a situação em que você se encontra, é necessário que você utilize a norma padrão da língua.

VERDADEIRO FALSO

2. A língua não se modifica no decorrer do tempo. É por isso que certas palavras e expressões antigas ainda são utilizadas no vocabulário de algumas pessoas, como "moça casadoira".

VERDADEIRO FALSO

3. Na frase "Vou ler Machado de Assis", temos um exemplo de:

- A. Metonímia
- B. Metáfora
- C. Ironia
- D. Paronomásia

4. No excerto abaixo, podemos distinguir de forma predominante as seguintes funções da linguagem:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas
(Manuel Bandeira)

- A. Função fática e poética
- B. Função emotiva e conativa
- C. Função emotiva e poética
- D. Apenas a função poética

QUESTÕES

5. Marque a alternativa que corretamente conceitua o elemento da comunicação "referente".

- A. É o texto transmitido pelo emissor.
- B. É a temática do texto transmitido pelo emissor.
- C. É o modo pelo qual a mensagem é veiculada.
- D. É aquele que constrói o discurso.

6. A situação abaixo é um caso claro de erro no uso da língua.

"Minha amiga estimada, resolvi ligar-lhe hoje fora do horário comercial para informar-lhe que meu idílio amoroso finalmente tornou-se realidade! Nosso prezado discípulo da faculdade, requereu minha aceitação a um futuro conúbio. Brevemente, adquiriremos as alianças, símbolos de nossa enorme benquerença. Intento pedir-lhe que seja a testemunha de nosso ato solene. Almejo sua aceitação."

VERDADEIRO FALSO

7. O preconceito linguístico prega que existem várias manifestações linguísticas aceitas como português, cada uma com sua devida peculiaridade.

VERDADEIRO FALSO

8. No trecho destacado da frase "Já dois anos se passaram longe da pátria. Dois anos! Diria dois séculos [...]", de Casimiro de Abreu, temos um exemplo de:

- A. Sinestesia
- B. Metáfora
- C. Paradoxo
- D. Hipérbole

9. Leia brevemente sobre a criação do alfabeto Hangul (Coreias do Norte e do Sul) e após decida se a afirmação abaixo é verdadeira ou falsa.

"O idioma oficial da Coreia, derivado do alfabeto hangul é um dos idiomas mais novos do mundo! O hangul tem cerca de quinhentos anos (1446 dC). Considerando que o alfabeto fonético remonta a três mil anos (1050 AEC), isso é muito jovem comparado aos outros alfabetos do leste asiático. (...)

Antes do hangul ser o idioma oficial da Coreia, falava-se o mandarim, utilizando o Hanja (漢字), caracteres chineses trazidos da literatura budista e chinesa. E antes do século 15, esse era o sistema de escrita preferido na Coreia, sendo adaptado pela classe dominante do reino coreano. Era usado para literatura, processos burocráticos do reino e manutenção aos registros oficiais. (...)

A educação da Coreia há alguns séculos estava disponível apenas para a classe alta do reino. A principal fonte de educação era baseada na filosofia confucionista e dedicada às pessoas ricas do lugar ou monges estudiosos. O idioma era baseado em outro sistema de escrita, com a educação e estudos centralizados somente na classe mais rica da sociedade. Para um cam-ponês ou escravo, a perspectiva de vida era muito baixa, afinal ele não tinha acesso ao conhecimento com a mesma facilidade que os mais ricos tinham. Aprender a ler e escrever não era para todos.

As pessoas comuns (fora da realeza) não tinham voz ativa, não podiam questionar as escolhas da classe alta, escrever para as pessoas que gostavam, ou até mesmo fazer simples anotações e o pior de tudo: elas não conseguiam ler e aprender sobre o mundo lá fora. Não é preciso ir tão longe assim, afinal, elas não tinham conhecimento nem do que acontecia ao lado de seu reino. O povo coreano era limitado à comunicação oral e culturalmente ligado a apenas os costumes do lugar em que viviam. (...)

[O] Rei Sejong declarou que o idioma deveria ser simples e acessível, para que todos da sociedade coreana pudessem aprender e entender para se comunicarem entre si. A criação do idioma refletia duas necessidades: expressar as particularidades da gramática coreana, a qual eles haviam construído adaptando o hanja, e também o som que derivava da comunicação entre os povos, ou seja, os símbolos deveriam, estritamente, refletir na fala. (...)

E foi assim que em 9 de outubro (agora Dia de Hangul) de 1446, o Hunminjeongeum (한글), literalmente "alfabeto coreano" foi divulgado junto ao manual de instruções para o hangul. O próprio Rei Se-jong teve a honra de escrever o prefácio e em texto citou que o alfabeto era uma forma de responder aos gritos dos analfabetos. Rei Sejong, tinha o objetivo de democratizar a linguagem escrita, oferecendo uma chance a todos de subir na escala social.

O hangul foi rapidamente adotado pelas mulheres e escritores populares da época, ou seja, as classes mais baixas. Eles poderiam aprender de forma independente, sem escolaridade formal, podendo se expressar com suas próprias palavras e alfabeto.

Eles não precisavam de nenhuma educação. Eles não precisavam de nenhum controle de pensamento. A criação do Hangul foi revolucionária e libertadora!"

(A história, revolução e importância do Hangul, o alfabeto oficial coreano, na Revista Koreain) link: <https://revistakoreain.com.br/2021/04/a-historia-revolucao-e-importancia-do-hangul-o-alfabeto-oficial-coreano/>

O excerto acima demonstra que a língua pode ser usada como uma ferramenta de dominação, como ocorreu no Brasil Colônia com a proibição do Nheengatu.

VERDADEIRO FALSO

10. Considerando o texto apresentados abaixo, é possível dizermos que temos um exemplo de intertextualidade com relação a um livro bem conhecido nosso.

VERDADEIRO FALSO

